

AS ASAS QUEBRADAS DE UM POVO EM TEMPOS SOMBRIOS

EMÍLIA COSTA



SINAIS DE CENA III.2
DEZEMBRO DE 2023

EMÍLIA COSTA

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

FONTE DA RAIVA

TEXTO E ENCENAÇÃO: Cucha Carvalho

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: Miguel Sopas

INTERPRETAÇÃO: Bruno Huca, Cucha Carvalho, Inês Rosado,
Joana Campelo, Júlia Valente, Leonor Buescu, Luís Gaspar, Sandra Faleiro

CENOGRAFIA E FIGURINOS: Ana Vaz, Pedro Jardim

DESENHO DE LUZ: Cristina Piedade

DIREÇÃO MUSICAL: Madalena Palmeirim

APOIO AO MOVIMENTO: Bruno Huca

EXECUÇÃO DE CENÁRIO: Pedro Jardim

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Rita Faustino

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Mariana Dixe

COPRODUÇÃO: Causas Comuns, RTP e São Luiz Teatro Municipal

LOCAL E DATA DE ESTREIA: São Luiz Teatro Municipal, Lisboa,

1 de fevereiro de 2023

*Zé – Aqui na Metrópole o que se fala é de massacres a brancos,
que os terroristas cometeram.
Imagens horríveis nos jornais...*

*Afonso – “Enquanto o leão não contar a sua história,
a glória será sempre do caçador.”*

Cucha Carvalho, *Fonte da Raiva*

Cucha Carvalho, com mais de quarenta anos de dedicação à actividade teatral, como professora, atriz, encenadora e dramaturga, em *Fonte da Raiva*, num projecto com um acentuado cariz pessoal, decidiu visitar as suas memórias de infância e transpô-las para o palco, recorrendo à estrutura narrativa da peça *Danças a um deus pagão* de Brian Friel, famoso dramaturgo irlandês (1929-2015).

Conhecedora privilegiada desta peça que representara em 1996, no Teatro Maria Matos, em Lisboa, encenada por Rosamaria Rinaldi e produzida pela Escola de Mulheres – Oficina de Teatro, de que foi co-fundadora, Carvalho, servindo-se quer das oito personagens originais da peça, cuja única modificação foi a da conversão do narrador numa narradora, quer da sua construção narrativa, numa inteligente alteração dos diálogos e da concepção dramática, deu-nos a conhecer a realidade rural de uma pobre e longínqua aldeia do interior, já não da Irlanda, mas de Portugal nos idos anos sessenta do século XX.

Fonte da Raiva, escrito, encenado e representado por Cucha Carvalho, que, em palco, assumiu o papel da narradora, é, assim, não apenas o nome do espectáculo, mas também a designação de uma aldeia inventada, assumidamente inspirada em Pindelo de Silgueiros, aldeia da família paterna da artista e onde passou alguns períodos da sua infância. E é precisamente nesta aldeia ficcionada, profundamente conservadora e religiosa, que cinco irmãs e a filha de uma delas tentam, nos idos

FONTE DA RAIVA, DE CUCHA CARVALHEIRO, ENC. CUCHA CARVALHEIRO, CAUSAS COMUNS, 2023
(JÚLIA VALENTE E BRUNO HUCA), [F] ESTELLE VALENTE.



anos de 1962, apesar das dificuldades económicas e da censura local, manter a sua humanidade, recorrendo à música, à dança e às canções.

Todas com o nome começado por A possuem as suas particularidades. Assunção, a mais velha, professora primária e principal sustento da casa, é austera, temente a Deus e a Salazar, tendo avocado para si a função de impor as regras morais de “Deus, Pátria e Família” às irmãs. Augusta, mulher inteligente e destemida, é aquela que melhor representa os novos ventos da emancipação feminina, sendo a única confidente de Assunção. Adelaide, eternamente sonhadora e ingénua, vive acreditando no príncipe encantado que a levará ao altar, dedicando o seu enorme potencial de afecto à irmã Aurora, com quem mantém uma especial relação de cumplicidade. Aurora, conforme Brian Friel refere, é a “simples de espírito”, que, ironicamente, apesar das suas deficiências cognitivas ou talvez por causa delas, é a que melhor se apercebe de tudo o que se passa com as irmãs e despidoradamente lhes revela os segredos mais íntimos. Segue-se Ana, a irmã mais nova, também ela sonhadora e romântica, porém, com uma maturidade surpreendente na relação que mantém com o pai da filha. E, por fim, Amélia, a menina de oito anos, a quem foi dado o nome da avó, e que tudo vê e sente, mas cujos segredos somente exhibirá já septuagenária, enquanto narradora desta história. A elas juntar-se-ão, o irmão Afonso, padre e missionário, acabado de regressar de Angola, dois anos após o início da guerra colonial, psicologicamente transtornado e já sem vínculos ao catolicismo e à pátria imperialista; e José Morais, pai da Amélia, jovem estouvado e muito divertido, que, por ser mulato, ainda que nascido em Coimbra, todos chamam “Zé Café”, “escarumba” ou “preto da Guiné”.

Distanciando-se da peça mentora, Cucha Carvalheiro, a dramaturga, atribuiu, com especial sagacidade, a estas personagens uma

dimensão política, transmutando-as. Por isso, Zé Café é mestiço, filho de pai moçambicano, e Amélia, para além de filha ilegítima, como naquela altura se chamava, é, também ela, mestiça. Por isso, o padre Afonso perdeu a fé na conversão do povo angolano ao catolicismo e defende a independência dos povos africanos do império português, ouvindo, às escondidas, na telefonia, único luxo daquela família, o Agostinho Neto. Por isso, Augusta é ostracizada por ser fressureira, palavra, entretanto, caída em desuso, mas que naquela época era um calão muito utilizado para, em tom ofensivo, designar uma lésbica. E, por isso, Ana, não é só uma mãe solteira, é também uma mulher para quem o amor é um lugar de prazer e ternura, já não uma prisão, e que lê, sem inibições, as *Poesias Eróticas e Satíricas* de Bocage.

De igual modo, Cucha Carvalheiro, a encenadora, invoca o racismo, as perseguições políticas e a intolerância social com uma admirável subtileza, pinceladas despontando no meio da alegria pueril e fútil daquelas criaturas, asas quebradas de uma sociedade sem esperança, que, por não saberem que poderia ser de outro modo, não reivindicam, não se revoltam, simplesmente aceitam. Modelar personificação desta tristeza contida, inominável, que se transforma num exorcismo selvático através da dança, pontuado pela música *Petite messe solennelle Kyrie Eleison*, de Rossini, e interpretada por Antonio Pappano, é a cena, de uma beleza fulgurante, em que o insulto da comunidade local à Augusta por ser lésbica se metamorfoseia num ritual pagão dançante de quatro mulheres envoltas em farinha e lençóis brancos.

Também o piscar de olhos com o público se mostra modelarmente alcançado, quando Carvalheiro coloca a Amélia narradora a fazer da criança que já fora, mas não a faz falar directamente com a mãe ou as tias, antes sim, para o público, olhando-o fixamente nos olhos enquanto responde aos diálogos do passado. A única vez que Amélia



FONTE DA RAIVA, DE CUCHA CARVALHEIRO, ENC. CUCHA CARVALHEIRO, CAUSAS COMUNS, 2023 (SANDRA FALEIRO, JÚLIA VALENTE, INÊS ROSADO, JOANA CAMPELO E LEONOR BUESCU), [F] ESTELLE VALENTE.

dialoga, já não a criança, mas a narradora, com a tia Aurora, a me-diúnica, aí sim, falam uma para a outra, pois já não é a memória em discurso directo, mas a interferência de diversos momentos temporais, em que o futuro, simbolicamente representado pela sobrinha velha, informa o passado, exposto na jovem tia, sobre aquilo que vai acontecer à família Paiva. Num extraordinário momento cénico, a cena termina com Aurora, tal como Cassandra, a não ser levada a sério, considerando as irmãs que as alucinações de que padece são fruto do mau-olhado, o qual tem de ser esconjurado. Assim, num ritual apropriado, Aurora é benzida com azeite e água, ao som da cantilena que afasta o quebranto, enquanto, em simultâneo, através da



FONTE DA RAIVA, DE CUCHA CARVALHEIRO, ENC. CUCHA CARVALHEIRO, CAUSAS COMUNS, 2023 (BRUNO HUCA, SANDRA FALEIRO, CUCHA CARVALHEIRO E JÚLIA VALENTE), [F] ESTELLE VALENTE.

telefonía, cada vez mais alto, vai-se ouvindo Salazar a discursar para as mães e noivas dos soldados deslocados em África, concluindo, na sua voz paternalista, com a sintomática frase: “Está tudo bem assim e não podia ser de outra forma.”

Por fim, Cucha Carvalho, a actriz, é a imaculada narradora Amélia que nos oferece o desastre de todos aqueles seus parentes num tom melancólico e sem raiva, pois, apesar do emblemático nome da aldeia, tudo é narrado sem revolta, numa análise distanciada sobre um período em que as pessoas estavam encurraladas e a única forma de fuga a um destino dramático era a emigração.

Mas como não falar igualmente dos restantes actores, que, em estreita combinação, mantiveram-se no exemplar desempenho dos seus papéis, transportando-nos para aqueles anos, naquele específico lugar. Sandra Faleiro, a severa Assunção, que, brilhantemente, não despe as vestes da personagem, mantendo-se, mesmo nas mais insignificantes situações, como líder, rectificando, com rigor e esmero, as tarefas domésticas que as irmãs vão executando, mas que, com um pouco de álcool, perde a postura, humanizando-se. Joana Campelo, a infantil Aurora, numa composição ímpar, contagia-nos pela sua vivacidade, vontade de tocar, cantar e dançar e, apenas com a sua postura e olhar, indica-nos tudo aquilo que não a vimos fazer, mas que sabemos que fez. Inês Rosado, a cativante e desinibida Augusta, conduz-nos para uma primorosa representação da mulher moderna aprisionada num tempo e espaço que não é o seu, refugiando-se, com sabedoria e imaginação, na relação especial que estabelece com a sobrinha, a quem conta a memorável história dos mafagafinhos. Leonor Buescu, com total eficiência, converte a discreta e tímida Adelaide numa heroína trágica, ao tentar deixar de ser um encargo na família e se perder no submundo da prostituição e da mendicância, arrastando consigo, ingenuamente, a irmã Aurora. Júlia Valente e Bruno Huca, respectivamente Ana e Zé Café, interpretam, de forma irrepreensível, um casal apaixonado e divertido, onde as capacidades artísticas como cantor e dançarino de Bruno Huca são magistralmente aproveitadas, promovendo inesquecíveis momentos de comicidade. E Luís Gaspar executa, de forma consistente, a personagem mais politizada, relatando episódios terríveis de discriminação e violência racial numa espécie de nebulosa reminiscência, como se estivesse ainda sob os efeitos febris da malária.

Com particular acerto, Ana Vaz e Pedro Jardim transfiguram o palco em dois espaços distintos, mas que se contaminam. De um lado,

fragmentos de uma casa rural, sem paredes, em que a decoração típica daqueles anos (um sofá, uma bacia móvel e respetivo jarro, uma telefonia e uma mesa, cadeiras e móvel para loiças, todos de madeira) se mistura com pedras a fazer de móveis, areia no chão e um quadro de Jesus Cristo pendurado nas árvores. Do outro lado, no espaço exterior, a areia, as grandes pedras e muitas árvores coabitam com duas cadeiras, um estendal com roupa branca e sobretudo um relógio de pé alto, a fixar o tempo, numa provocação subliminar ao que está em cena, onde o tempo é assumidamente uma ilusão. Nos figurinos, dos mesmos criadores, com recurso ao que era usual naquela altura, as roupas são de cores escuras, contrastando ironicamente com a brancura imaculada dos lençóis.

A escolha musical, a cargo de Madalena Palmeirim, é assertiva e, transportando-nos para o espírito da época, revela-nos a nona personagem, a telefonia, a qual, através da música, leva a diversão àquela família.

Por fim, o desenho de luz de Cristina Piedade, com notável virtuosismo, encaminha-nos para os diversos acontecimentos que vão ocorrendo em palco, num ilusionismo perfeito, fazendo-nos vislumbrar as diversas partes da casa, o seu exterior, a floresta e até Jesus Cristo velando o galo assassinado.

Para os desiludidos com os dislates da democracia e que nunca viveram em ditadura, o Salazarismo, maquilhado de sociedade perfeita, onde alegadamente a justiça, a ordem e a segurança imperavam, pode parecer atractivo. *Fonte da Raiva*, sem subterfúgios, mas com uma delicadeza e um humor extraordinários, impede que essa parte da nossa História recente seja condenada ao esquecimento e, desse modo, glorificada, na expectativa de, ao mostrá-la, poder contribuir, como só o teatro o sabe fazer, para que nunca mais se repita. ❄